O metrô

E já que falamos de Brasília, vamos ao metrô. Uma das coisas que mais me escandalizaram ao voltar à cidade, depois de quase três anos fora, foi ouvir de gente aparentemente normal, políticos, jornalistas, intelectuais, restrições ao metrô de Brasília sob o argumento de que ele vai "abrir o Plano Piloto a qualquer um, devassar a capital, provocar uma invasão popular".

Logo me lembrei da charge genial do Ziraldo, no dia da inauguração da ponte Rio-Niterói. Dois carros se cruzam no meio da ponte. O motorista de Niterói: — "Oi". O motorista do Rio: — "Começou a intimidade".

Ontem vimos o governador Roriz e seu incansável secretário Arruda recebendo, em São Paulo, o primeiro trem do metrô de Brasília. O Brasil tem hoje toda a moderna tecnologia mundial de metrôs. Empresas brasileiras os constroem no mundo inteiro. O de Brasília será o mais moderno do País. Por que ser contra?

E há gente contra. Poucas, mas há. Pois o metrô é uma das grandes criações socialistas da humanidade. É o único meio de transporte, depois dos pés, que não pune quem trabalha. Cavalos, charrete, ônibus, trem, avião, barco, todos cobram mais de quem mora mais longe do trabalho. O metrô, não. O metrô cobra a mesma coisa para uma estação ou para todas. Para a primeira ou para a última. O metrô é o socialismo sobre rodas.

Comitê Olímpico Internacional, fizeram um pacto secreto, que hoje denunciou: derrotam a candidatura de Brasília, dão a vitória à China, e no ano 1996 os Jogos Ibero-Americanos seriam realizados em São Paulo e as olimpíadas de 2004 no Rio.

Está aí a razão de toda esta campanha contra Brasília e a favor de Pequim. Coitado do Mao Tse Tung. Morreu sem saber que Pequim era mais brasileira do que Brasília. Só falta Rio e São Paulo lançarem uma campanha para tirar JK do Memorial do Planalto e botar Mao lá dentro.

Brasília

Não se pode acusar Brasília de não ter sabido defender sua candidatura da melhor maneira. Fui testemunha pessoal (em Roma, Paris, Madri, Sevilha, Barcelona), e várias vezes escrevi sobre isso, da forma inteligente, arrojada, com que a Comissão Pró-Olimpíada 2000, dirigida pelo competente deputado Paulo Octávio atuou nas reuniões do Comitê Olímpico Internacional.

A tal ponto que, agora, aproximando-se a hora da decisão, praticamente restaram apenas as candidaturas de Brasília e de Pequim. É muito pouco provável que uma terceira venha a ganhar. Era o instante de o Brasil juntar-se para trazer as olimpíadas para Brasília. Mas, como dizia Octávio Mangabeira, brasileiro prefere perder 100 para o vizinho não ganhar 10.

Está viajando hoje para Lausanne, na Suíça, o deputado Paulo Octávio levando uma pequena obra-prima: o livro (três volumes, 530 páginas, inglês e francês, todo a cores) com toda a documentação comprovando que Brasília tem todas as condições de realizar uma grande olimpíada, com o mesmo sucesso com que o Rio fez a Rio-92. O projeto de Oscar Niemeyer para a Vila Olímpica é belíssimo. As olimpíadas de Barcelona mostraram que olimpíada é um ótimo negócio. Dá enormes lucros à cidade e ao país que a sedia.

A reunião da Suíça, neste fim de semana, é a penúltima etapa de um longo e árduo trabalho de já mais de dois anos. Depois desta última reunião preparatória do Comitê Olímpico Internacional, a próxima e última será em setembro, em Mônaco, para a decisão final.

O governador Roriz cumpriu sua parte apoiando oficialmente em nome de Brasília. O ministro Maurício Corrêa também, como responsável pela segurança. Até ontem à tarde só faltava o presidente Itamar Franco. O Brasil não poderia chegar à decisão final sem o apoio do Governo. A candidatura não seria sequer levada em consideração. O grave é que, até a última hora, forças poderosas do Rio e São Paulo, sobretudo ligadas aos esportes, pressionavam o Planalto para o Presidente não apoiar.

É o chamado crime explícito. Tipo a dupla Pádua-Paula.

Brasília vai fazer 33 anos. A idade de Cristo. Deve haver alguma magia marcando este destino. Ela continua sendo crucificada todos os dias. É um Calvário diário. E Herodes e Pilatos se chamam Rio e São Paulo. As duas principais metrópoles brasileiras jamais se conformaram com a saída da capital do litoral para o centro do País.

Não vou relembrar a terrível campanha que sofreu Juscelino. Como os poderosos lobbies e interesses se mobilizaram para tentar impedir a transferência. E sobretudo como a grande imprensa, acastelada atrás de uma barricada infernal, foi afinal derrotada pela visão histórica do maior presidente do País.

Agora, mais uma vez, tudo se repete. Há meses jornais e TVs do Rio e São Paulo vêm combatendo a candidatura de Brasília para sede das olimpíadas do ano 2000. De repente descobriram que outras cidades-candidatas (Berlim, Milão, Sidney, Istambul, Manchester), tinham menos condições do que Brasília, por seus países já terem hospedado olimpíadas ou copas. Só restava Pequim como principal adversária de Brasília. Pois grande parte da imprensa brasileira passou a defender escancaradamente as olimpíadas do ano 2000 em Pequim.

Como entender? Muito simples. Poderosos grupos paulistas e cariocas (do esporte das finanças, dos negócios, da imprensa), aliados a dirigentes do